

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**JOYCE CORDEIRO HEINDYK GARCIA**

**VÍDEOS DO *YOUTUBE* NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: O QUE PENSAM  
AS CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CURITIBA**

**2018**

**JOYCE CORDEIRO HEINDYK GARCIA**

**VÍDEOS DO *YOUTUBE* NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: O QUE PENSAM  
AS CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Me. Arivana Izabel Stanski Ligeski

**CURITIBA**

**2018**

## Vídeos do *Youtube* no processo de alfabetização: o que pensam as crianças do 1º ano do ensino fundamental

Joyce Cordeiro Heindyk Garcia

### RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo identificar o que pensam e como reagem as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola Municipal de Curitiba, sobre vídeos do *Youtube*, no processo de alfabetização. É uma pesquisa exploratória e qualitativa. Partiu de duas etapas. A primeira etapa consistiu na elaboração de vídeos por parte da pesquisadora, sobre alfabetização. Na segunda etapa, foi filmado 42 crianças assistindo a um dos vídeos elaborado pela pesquisadora e realizado entrevistas com esses alunos. Através da análise das filmagens e das entrevistas, obtemos resultados de que os vídeos são atrativos para as crianças. As cenas do vídeo no *Youtube*, que apareceram outras crianças, foram bem estimulantes para os alunos. As mídias já fazem parte da vida cotidiana da maioria das crianças brasileiras, e explorar seu potencial em sala de aula, é um desafio que pode trazer muitos resultados para a aprendizagem. Os vídeos no *Youtube* são importantes pois, podem ser acessados não apenas na escola, mas em qualquer lugar, podendo ser um recurso pedagógico para o professor, um entretenimento para as crianças, nas suas casas ou um reforço pedagógico, utilizado pelos pais. Assim, utilizar vídeos em sala de aula, contribui para o interesse e atenção das crianças e ajuda no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Vídeo. *Youtube*. Crianças. Ensino-aprendizagem.

### 1 INTRODUÇÃO

Os alunos da contemporaneidade nasceram em um mundo tecnológico. Hoje é natural você ver crianças pequenas, inclusive bebês manuseando dispositivos móveis como *smatphones* e *tablets*. Os pequenos já estão crescendo com vários estímulos visuais e sonoros.

Paulo Freire nos dizia que a escola deve estar à altura do seu tempo (PAPERT; FREIRE, 1995). Então, se uma criança que nasceu cercada de estímulos visuais chegar à escola, tenderá buscar os mesmos estímulos que está acostumada no seu dia a dia. Se a instituição escolar não trabalhar com recursos que motivem o

aluno a estudar, a atenção e o interesse serão mínimos, prejudicando a aprendizagem.

Por outro lado, as crianças que nasceram sem esses estímulos visuais proporcionados pela tecnologia, também serão atraídas se a escola utilizar os recursos em sala de aula. Assim, o uso de vídeos pode ser uma ferramenta em sala de aula, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem.

O Brasil tem investido em políticas públicas para melhorar o índice de analfabetismo no país, como: o Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA). Estas políticas têm como objetivo garantir que as crianças se alfabetizem até o 3º ano do Ensino Fundamental. Mas, de acordo com os resultados da ANA de 2014, o estado do Paraná tem um índice de reprovações no 3º ano do Ensino Fundamental de 9,4% e Curitiba com 8,2%. (INEP, 2017).

Apesar dos avanços, a distorção idade-série no 3º ano é de 3,7% em Curitiba e de 9,1% no Paraná, de acordo com os resultados da ANA – 2014 (INEP, 2017). Esses dados revelam a importância de investir no processo de alfabetização desde o 1º ano, para que todos se alfabetizem e diminua o índice de reprovações e distorções idade/série.

Logo, esta pesquisa é importante, pois levará em conta a opinião dos alunos sobre vídeos de alfabetização. Conseguir-se-á assim, perceber os gostos, os pensamentos dos alunos e se os vídeos podem contribuir em sua aprendizagem.

Também, o trabalho com os vídeos pode servir como um desencadeador para sequências didáticas, estudos e debates, a fim de que sua eficácia não se encerre apenas em lições em sala de aula.

O Ministério da Educação tem lutado para superar o analfabetismo no Brasil, vê-se ações como o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) surgirem para tentar assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. Então pensou-se em produzir vídeos caseiros de alfabetização, para ajudar as crianças nesse processo.

Outro gerador da pesquisa foi a observação dos filhos da pesquisadora. Pode-se ver o quanto os vídeos caseiros, postados no *Youtube* eram atrativos. Passavam muito tempo assistindo, demonstrando enorme interesse.

Então, pensou-se na possibilidade de criar um canal no *Youtube* de maneira a ajudar as crianças no processo de alfabetização. Surgiu, assim, o canal “ALFABETIZAÇÃO para crianças”, que ainda está em processo de construção. Os vídeos feitos e postados pela pesquisadora são planejados, em uma linguagem voltada ao público infantil, de maneira lúdica e com cenas criativas.

Fez parte do planejamento o fato de também poder ser utilizado por professores em sala de aula, pelas famílias em casa, para reforçar o aprendizado da escola e até mesmo como forma de lazer, pois os vídeos foram feitos para atingir várias faixas etárias, principalmente a faixa etária de 4 a 8 anos, idade em que a criança está no processo de alfabetização.

Com a produção dos vídeos surgiu o problema desta pesquisa: o que pensam e como reagem as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola Municipal de Curitiba, sobre vídeos do *Youtube*, no processo de alfabetização?

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira etapa consistiu na elaboração dos vídeos pela pesquisadora. A segunda etapa, foi feita com 42 crianças, do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola Municipal de Curitiba. Como coleta de dados, foi gravado as crianças assistindo ao vídeo do canal: Alfabetização para crianças, na qual trabalhou-se a letra S. Foi realizado uma observação participante, em que foram observadas as reações dos alunos. Também foram entrevistados os alunos sobre o que eles acharam do vídeo. A observação e a entrevista foram gravadas, para uma análise mais cuidadosa.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o que pensam as crianças, do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola Municipal de Curitiba, sobre vídeos do *Youtube* no processo de alfabetização.

## **2 AS TIC, OS VÍDEOS E A ESCOLA**

Entende-se como Tecnologia de Informação e Comunicação – TIC, com base nas leituras de Belloni (2001), Coll e Monereo (2010), qualquer dispositivo que opera em sistema binário, eletrônico e integra a informação com a comunicação, através

de um sistema de redes, por meio de acesso à internet. São tecnologias que servem para reunir, integrar e compartilhar informações.

Para Belloni (2001), as TIC são o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas. Coll e Monereo (2010) completam a ideia, dizendo que as TIC repousam sobre os mesmos princípios e criam “a possibilidade de utilizar sistemas de signos – linguagem oral, linguagem escrita, imagens estáticas, imagens em movimento, símbolos matemáticos (...) para representar uma determinada informação e transmiti-la”. (COLL; MONEREO, 2010, p.17).

A escola deve acompanhar o desenvolvimento da sociedade e se ressignificar em suas metodologias, em sua forma de conceber o conhecimento. A Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE), revela que pouco mais da metade dos brasileiros, 58%, utiliza à internet. (BRASIL, 2016).

O uso de aparelhos celulares como forma de acesso à internet corresponde a 89% dos entrevistados, já ultrapassando os computadores de mesa (40%) e *notebooks* ou computadores portáteis (39%). (BRASIL, 2016). Assim, a escola deveria aproveitar pedagogicamente as TIC para atingir o objetivo de promover a aprendizagem. Quando fala-se em utilizar as TIC na escola, precisa-se ter em mente que o professor além de aprender a utilizar e estar de acordo com os objetivos de sua aula, também precisa de tempo para incorporar essa tecnologia à sua aula.

Kenski (2013) observa que existe um tempo para que o professor utilize as tecnologias na escola. Esse tempo passa pela experiência do uso pessoal, para depois utilizar em suas práticas pedagógicas e se apropriar das tecnologias. Camas (2012), baseada nas experiências dos pesquisadores Dwyer, Sandholtz e Ringstaff (1997), diz que primeiro é preciso expor o professor às tecnologias de sua época, assim, ele passa a conhecer e ter a opção de adotar a tecnologia que lhe convém. A autora, em sua pesquisa, relata que posterior à adoção, o professor se adapta às tecnologias, tornando melhor aquilo que já fazia sem elas. A próxima fase, segundo a pesquisadora, é o apropriar-se das tecnologias, com autonomia de uso a ponto de apoderar-se delas com a finalidade de ensino-aprendizagem.

Entende-se, portanto, que ao se apropriar da tecnologia, pode ocorrer o senso crítico de uso significativo, permitindo que o professor escolha a melhor ferramenta para o processo educacional, gerando o inovar, que é “a mudança na

prática pedagógica” (CAMAS, 2012, p.55). Talvez esse seja o maior desafio dos docentes na contemporaneidade: utilizar as TIC para inovar em metodologias de aprendizagem.

Para Brito e Purificação (2008, p.37):

No conceito de inovação que se propõe hoje, está envolvida a utilização de novas tecnologias em sala de aula, o que implicará novos projetos fundamentados em concepções de ensinar e aprender diferentes das propostas já existentes.

A proposta de vídeos caseiros na alfabetização, vem inovar o ensino através da tecnologia, aproximando aspectos do cotidiano infantil.

Faxina (2017) ressalta uma premissa difundida de que uma imagem vale mais do que mil palavras. Para o autor, isso significa afirmar que deve-se considerar a apresentação de vídeos como uma potente ferramenta, podendo ser em muitos casos, mais eficaz do que a leitura de textos ou apresentações expositivas.

Vídeo “trata-se de um instrumento de comunicação, uma ferramenta de informação, um recurso didático, formado por um discurso estabelecido a partir de uma sequência de imagens em movimento”. (FAXINA, 2017, p.4).

Ainda de acordo com Faxina (2017), com o cinema, a televisão e o vídeo, retomamos o processo de empatia na compreensão da vida, das coisas, do mundo, por meio da imagem.

A teoria das inteligências múltiplas, proposta por Gardner (1994), considera importante o uso de recursos diversos para o desenvolvimento da aprendizagem. O trabalho com vídeos vem contemplar o campo da visão e audição, contribuindo para o desenvolvimento dessas inteligências.

## 2.1 A ALFABETIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Soares (2003) afirma que o acesso ao mundo da escrita é o processo de um indivíduo entrar nesse mundo. E isso se faz pela técnica e pelas práticas de uso dessa técnica. Para a autora: “ninguém aprende a ler e escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas – para codificar e para decodificar. Isso é uma parte específica do processo de aprender a ler e escrever”. (SOARES, 2003, p.17).

Para Morais (2012, p.90): “as oportunidades vividas, na escola e fora dela, são fundamentais para que os aprendizes desenvolvam determinadas habilidades

fonológicas”. Para o autor, é preciso que se tenha um bom trabalho escolar de promoção de certas habilidades fonológicas, desde o último ano da educação infantil, pois, o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), se desenvolve pedagogicamente, se trabalhado em casa ou na escola.

[...] a apropriação do SEA não é uma questão maturacional, regulada por um relógio biológico, mas depende das oportunidades vividas dentro e fora da escola, entendemos que, para reduzir as desigualdades sociais (isto é, para enfrentar o apartheid educacional existente em nosso país), a escola pública precisa iniciar, no final da educação infantil, um ensino que permita às crianças não só conviver e desfrutar, diariamente, de práticas de leitura e produção de textos escritos, mas refletir sobre as palavras, brincando, curiosamente, com sua dimensão sonora e gráfica. (MORAIS, 2012, p.116).

Simões (2006) diz que o domínio das formas escritas se faz com a prática da língua, com muitas leituras e escritas. Contudo, “há estruturas básicas da fonologia da língua que podem e devem ser assentadas desde as primeiras séries do ensino fundamental, para que o estudante obtenha pontos de partida”. (SIMÕES, 2006, p.15).

Para Simões “a questão da nomenclatura quase sempre dificulta o aprendizado, uma vez que há uma tendência à memorização dos nomes sem, todavia, haver a assimilação do que significam”. (SIMÕES, 2006, p.22).

Muitas crianças em idade escolar decoram o nome das letras mas não compreendem que essas letras produzem um som (fonemas). Assim, faz-se necessário um trabalho de consciência fonológica. Os vídeos do canal “Alfabetização para crianças”, procuram trabalhar com o som das letras, despertando a consciência fonológica nas crianças.

A vogal é o som da voz, resulta da expiração pura, livre de obstáculos, pois provém de uma corrente de ar que vem dos pulmões e atinge a atmosfera livremente. Já o som consonantal, produzido pelas consoantes, é um som impuro, um ruído, que resulta de corrente de ar que atravessa o conduto respiratório enfrentando obstáculos antes de atingir a atmosfera. (SIMÕES, 2006).

Por isso, a vogal tem um som independente, enquanto as consoantes precisam de apoio vocálico para produzir um som. É fundamental que a criança aprenda esse princípio, para entender o conceito de sílaba.

Por sílaba entende-se: “o conjunto de fonemas emitidos a cada corrente de ar expirada”. (SIMÕES, 2006, p.27).



Ferreiro e Teberosky (1986) afirmam que a criança formula hipóteses a respeito do código, percorrendo um caminho que pode ser representado pelos níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Mesmo antes da escolarização, a criança já vivencia o contato com o código e à medida que vai sistematizando a aprendizagem, vai avançando nos níveis.

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), do ano de 2001, revelou as piores notas registradas, 33% dos alunos da quarta série ainda eram analfabetos. De 2003 em diante, os alunos começaram a apresentar melhorias. (BRASIL, 2017).

Esse cenário mostra que ainda há muito para avançar na área de alfabetização. Para Soares (2003) é preciso orientar as crianças sistemática e progressivamente para que possam se apropriar do sistema de escrita. Isso é feito junto com o letramento, inserindo-as no contexto de textos reais, livros, etc.

Alfabetizar é entendido como propiciar ao indivíduo a capacidade de ler e escrever, mas conforme Camas (2012, p. 50), a alfabetização deve gerar o letramento. Neste sentido, concorda-se com Kishimoto (2012) que é preciso que a alfabetização tenha significado para a criança:

A identidade e agência do aprendiz na aquisição da linguagem, como comenta Soares (1998, p.30): Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e a de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita 'própria', ou seja, é assumi-la como sua 'propriedade'. (CAMAS, apud KISHIMOTO, 2012, p. 50).

É preciso superar o artificialismo dos textos das cartilhas e de práticas mecânicas e valorizar a função social da escrita. Mas, não se pode esquecer que é preciso também trabalhar com conteúdos específicos da alfabetização, como discriminação entre letras e sons, análise e síntese de palavras e sílabas, entre outros. É nesse trabalho conjunto de alfabetização e letramento que a escola precisa caminhar.

Para Russo (2012, p.25), “alguns professores hesitam ao dizer que adotam determinada cartilha, quando, na verdade, o problema não está em qual cartilha seguir e, sim, em como usá-la”. Para a autora, o perigo está em práticas sem significado e fora de contexto, que torna difícil a interiorização do conhecimento.

Neste sentido, acredita-se que aliar à alfabetização ao letramento e às TIC, neste estudo, e aliar os vídeos postados no *Youtube* ao processo de aprendizagem, que poderá ressignificar o processo de ensino e aprendizagem da criança.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa aconteceu em duas etapas. A primeira etapa consistiu na elaboração e produção dos vídeos, para o canal no *Youtube*, intitulado: Alfabetização para crianças<sup>1</sup>. Esses vídeos foram elaborados pela própria pesquisadora. Na segunda etapa, foi analisado a reação de 42 crianças de 1º ano, ao assistirem um dos vídeos do canal. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo exploratória.

As pesquisas exploratórias de acordo com Gil (1999), são desenvolvidas com o objetivo de:

Proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 1999, p.43).

Sampieri, Collado e Lucio (2006) falam que os estudos exploratórios são realizados quando o objetivo é examinar um problema, um tema pouco estudado ou pouco abordado antes: “Investigação exploratória se realiza quando o objetivo consiste em examinar um tema pouco estudado”. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p.101).<sup>2</sup> Optou-se por esse tipo de pesquisa por ser uma experiência inicial, que explora vídeos inéditos produzidos pela própria pesquisadora. Os resultados iniciais analisados nessa pesquisa, abrem caminhos para novas investigações que poderão ser realizadas.

Para Flick (2004), os métodos qualitativos “consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermédia”. (FLICK, 2004, p.22). Assim como o autor, entendemos que as subjetividades do pesquisador e dos que estão sendo estudados, são parte do processo de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Link: <https://www.youtube.com/channel/UCFgqzbuhh6UGvR1ThPgUx1Q>

<sup>2</sup> Tradução feita pela pesquisadora.

Os sujeitos desta pesquisa foram 42 alunos de primeiro ano de Ensino Fundamental, sendo alunos de duas turmas, da Escola Municipal CEI Bela Vista do Paraíso, no município de Curitiba.

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram a Observação Participante, na qual a pesquisadora gravou vídeos dos alunos assistindo o vídeo do canal e observou suas reações. O método de Observação Participante, que segundo a definição de Minayo (2015) é:

[...] um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, se, duvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente. (MINAYO, 2015, p. 70).

Também foi utilizada a entrevista semiestruturada com os alunos de 1º ano. A entrevista é “uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais”. (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p.38).

A vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que:

Ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p.39).

A entrevista é uma “técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento...” (RIBEIRO, 2008, p.141).

Para Chizzotti (2010), “as informações colhidas sobre fatos e opiniões devem constituir-se em indicadores de variáveis que se pretende explicar. É, pois, um diálogo preparado com objetivos definidos e uma estratégia de trabalho”. (2010, p.57). Com crianças pequenas, é preciso ter a sensibilidade de estabelecer diálogos e a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador adaptar a linguagem e as relações em cada entrevista.

### 3.1 REVISÃO DE LITERATURA

Inicialmente buscou-se descobrir as produções existentes sobre a temática de vídeos no processo de alfabetização e o uso do *Youtube*.

Foi consultado o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Buscou-se pelas palavras-chave: *Youtube*, alfabetização; professor alfabetizador e vídeos; *Youtube*, educação, alfabetização de crianças e alfabetização, ensino fundamental, vídeos e *Youtube*. (QUADRO 1).

QUADRO 1 – BUSCA NO BANCO DE DADOS DA CAPES

DATA	PALAVRAS-CHAVE	QUANTIDADE DE PRODUÇÕES	CLASSIFICAÇÃO
26/08/2017	<i>Youtube</i> , alfabetização	8	5 artigos e 3 livros
	Professor alfabetizador, vídeos	2	Artigos
	<i>Youtube</i> , alfabetização de crianças	5	2 livros e 3 artigos
	Alfabetização, Ensino fundamental, vídeos <i>Youtube</i>	6	3 livros e 3 artigos

FONTE: A pesquisadora (2017).

Foram analisadas todas as produções encontradas no banco de dados da CAPES, mas não se encontrou nenhuma produção que abordasse o uso de vídeos na alfabetização. A maioria dos livros e artigos encontrados, se repetem nas palavras-chave. Entre as produções que puderam contribuir para a pesquisa está o livro: *Televisão digital: informação e conhecimento*, por abordar a mídia televisiva e o artigo: *As culturas de infância e produção de sentidos: um estudo de recepção midiática com crianças*, pois, dão uma base da recepção midiática das crianças.

Na consulta realizada no Google Acadêmico, buscou-se pelas palavras-chave: “alfabetização escolar e vídeos no *Youtube*”. Foi lido cada título apresentado na busca e selecionou-se seis produções que poderão contribuir para essa pesquisa. (QUADRO 2).

QUADRO 2 – BUSCA NO GOOGLE ACADÊMICO

DATA	TÍTULO	AUTORES	TIPO DE PRODUÇÃO
07/09/17	Os vídeos do <i>Youtube</i> como recurso didático	Luis Claudio dos Santos Cortez	Monografia de pós-graduação UFPR.
	Análise do uso da tecnologia móvel no processo de alfabetização de crianças de 6-8 anos	Alessandra Dedéco Furtado Rosseto e Alessandra Dutra	Artigo – XVIII Simpósio Internacional de Informática Educativa
	A utilização de vídeos educativos e o <i>Youtube</i> na prática pedagógica	Adrielle Virgínia do Nascimento Feitosa; Maria Andja da Silva Souza e Mariel José Pimentel de Andrade	Artigo - XIII Jornada de ensino, pesquisa e extensão.
	Bem-vindos a mais um vídeo! Uma análise do potencial pedagógico das produções de conteúdo gamer para o <i>Youtube</i>	Giovanna dos Passos e Dulce Márica Cruz	Artigo – UFRJ
	Roquette Pinto e a produção de vídeos estudantil	Vania Dalpont	Artigo – UFPel
	O uso das TICS contribuindo para o processo de alfabetização e letramento	Solange Marlise Estima Lazzari	TCC de pós – graduação UFRG

Observa-se nas buscas realizadas que todas as produções ressaltam a contribuição dos vídeos e das TIC no processo pedagógico. Não encontrou-se nenhuma pesquisa que analisasse os impactos de vídeos no processo de alfabetização ou que escutasse todos os envolvidos no processo do uso de vídeos. As pesquisas realizadas, em sua maioria foram sob a perspectiva de professores em relação ao vídeo em sala de aula.

#### 4 PRODUÇÃO DOS VÍDEOS

Como professora e pedagoga, a tecnologia sempre fez parte da prática pedagógica da pesquisadora. No último semestre do mestrado e ao mesmo tempo, ao cursar pós-graduação em mídias integradas na educação, a pesquisadora pode

perceber que para se apropriar totalmente das tecnologias, a ponto de inovar, precisaria não apenas utilizá-la, mas construir autorias com elas. Santos (2016), em uma entrevista para o programa “Salto para o Futuro da TV Escola”, disse que para ter inclusão cibercultural é preciso habitar as redes com autoria. Para ela, ainda falta clareza sobre os potenciais pedagógicos e comunicacionais das redes.

Estudando o contexto de tecnologia e vendo o interesse dos próprios filhos pelos vídeos do *Youtube*, contexto que propiciou a produção do canal, procurou-se ver se existiam outras produções de diferentes autorias que abordassem a alfabetização. Para isso, foi preciso assistir vários vídeos com a temática de alfabetização. Não foi encontrada nenhuma produção que trabalhasse o contexto de vídeos caseiros à alfabetização, ou explorasse os sons das letras.

Kenski (2013) nos diz que “a mediação tecnológica facilita que novos projetos pedagógicos sejam criados, respeitando o ritmo de aprendizagem dos alunos de todas as idades e níveis de ensino” (KENSKI, 2013, p.54). Os vídeos no *Youtube* são um exemplo de projeto que respeita o ritmo dos alunos, pois, podem ser acessados e assistidos quantas vezes se fizer necessário, seja na escola ou em casa.

Como tinha a ideia em mente, pesquisou-se e viu-se que não haviam vídeos nessa perspectiva e, a pergunta feita foi: por onde começar? A primeira etapa foi colocar no papel as ideias que estavam em mente. Essa é uma tarefa árdua, transformar os pensamentos em texto, escolhendo uma linguagem que fosse própria aos pequenos.

O primeiro vídeo a ser produzido foi a letra A. Então, foi preciso encontrar objetos que começassem com essa letra. Alguns itens a pesquisadora precisou comprar, especialmente, para a produção do vídeo, como o alface e o abacaxi, os demais foram sendo separados à medida que surgiam as palavras, em mente, para exemplificar e concretizar o entendimento das crianças.

A gravação aconteceu utilizando um celular. Escolheu-se um ambiente de casa que contribuísse para esse momento. Para apoiar o celular e mantê-lo parado durante a gravação, improvisou-se utilizando um suporte de partitura musical. Para iniciar a gravação a pesquisadora viu que precisaria de alguém para arrumar o celular no ângulo correto e alguém que pudesse iniciar e parar as gravações. Foi então que entrou em cena a figura do filho mais velho. Com apenas dez anos, ele participou como “câmera *man*” de sua mãe em todas as edições do vídeo.

Na primeira gravação, os nomes dos objetos foram escritos em papel sulfite. Após a montagem do vídeo, verificou-se que a legibilidade das palavras escritas em papel não estava boa, então, o ideal seria editar o vídeo, colocando as palavras escritas do papel na própria tela da imagem.

Assim, caminhou-se para outro desafio, pois, a pesquisadora nunca havia editado um vídeo, apenas tinha conhecimento em edição de áudios. Então, procurou-se um aplicativo para celular que atendesse a necessidade de edição do vídeo. Encontrou-se o *VideoShow* (Figura 1), um aplicativo gratuito para celular, que permitiu fazer todas as edições.

FIGURA 1 – Aplicativo de edição de vídeo



FONTE: Print feito da internet pela pesquisadora sobre o aplicativo (2017).

Para Valente (2005) o domínio do técnico e do pedagógico devem acontecer juntos, simultaneamente. Ele defende que o educador “deve conhecer o que cada uma dessas facilidades tecnológicas tem a oferecer e como pode ser explorada em diferentes situações educacionais”. (VALENTE, 2005, p. 23).

Apreendeu-se a explorar o aplicativo para uma necessidade educacional. Foi com a prática, na tentativa de erro e acerto, que se editaram os vídeos do canal. A medida que foram sendo produzidos novos vídeos, foi-se aprendendo mais sobre as edições, colocando além de legendas *gifs* animados.

Observando as reações do filho mais novo da pesquisadora de 4 anos de idade, notou-se que cenas com brinquedos e brincadeiras são atrativos para crianças nessa faixa etária. Procurou-se introduzir fundo de cena com brinquedos, trazer objetos do mundo infantil como o “Homem Aranha” para ilustrar a palavra aranha, na letra A (Figura 2.) e os fantoches (Figura 3.) no vídeo das junções de vogais, dentre outros.



FIGURA 2 – Vídeo produzido que contextualiza o Homem Aranha<sup>3</sup>

FONTE: *Print* do vídeo da letra A, no *Youtube*, feito pela pesquisadora (2017).

Na figura 2, temos um *print* do vídeo da letra A. Nesse vídeo são explorados os sons que a letra faz e palavras que iniciam com o mesmo som. Para ilustrar as palavras, a pesquisadora mostra vários objetos com a letra A, como o avião, água, árvore, arroz, abajur, apontador, etc., entre esses objetos ela fala da aranha. Assim, para dinamizar o vídeo e atrair a atenção das crianças, ela chama o “Homem Aranha” para participar da cena.

FIGURA 3 – Vídeo produzido que contextualiza os fantoches<sup>4</sup>

FONTE: *Print* do vídeo da junção de vogais, no *Youtube*, feito pela pesquisadora (2017).

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RE5J9Q8t02Y>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNEOnLWluZY>



No vídeo da Figura 3, a professora retoma o som das vogais e convida dois amigos para brincarem, o Tônico e a Lilica (fantoques). Nessa brincadeira, cada fantoche deveria falar o som de uma vogal e descobrir a palavra que formou. Em seguida, são contextualizadas as palavras, como no caso da palavra AU, que mostra, posteriormente, cachorros latindo.

Os primeiros vídeos elaborados foram sobre as vogais. No final, criou-se um vídeo que trabalha a junção das vogais, buscando fazer com que as crianças percebam que as palavras surgem das junções de letras.

Posterior às vogais, iniciou-se a produção de vídeos trazendo as consoantes. O primeiro vídeo das consoantes foi da letra V. Nesse vídeo, trabalhou-se o som da letra V de maneira lúdica e criativa, procurando fazer com que as crianças entendessem que cada letra tem um som e a junção das consoantes com uma vogal forma outro som. Assim, os pequenos entendem a construção das sílabas. O canal ainda está em construção. Para a pesquisa com os alunos, foi utilizado um vídeo inédito, que eles ainda não haviam assistido, que foi da letra S.

Santos (2016) diz que o uso pedagógico da tecnologia deve estar junto com o uso cultural. Já faz parte da cultura dos alunos assistirem a vídeos pelo *Youtube*, dessa forma, trazendo essa ferramenta para a sala de aula, o professor passa a introduzir e valorizar a cultura dos alunos.

Todos os vídeos produzidos no canal, foram postados como Recursos Educacionais Abertos (REA), pela Biblioteca Federal do Paraná e estão disponíveis para serem utilizados como aliados na alfabetização de crianças.<sup>5</sup>

Decidiu-se postar os vídeos como Recursos Educacionais Abertos (REA), por serem entendidos como:

Materiais de ensino, aprendizado e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou que estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. O uso de formatos técnicos abertos facilita o acesso e o reuso potencial dos recursos publicados digitalmente. Recursos Educacionais Abertos podem incluir cursos completos, partes de cursos, módulos, livros didáticos, artigos de pesquisa, vídeos, testes, software e qualquer outra ferramenta, material ou técnica que possa apoiar o acesso ao conhecimento. (UNESCO/COL, 2011).

Neste sentido, acredita-se que ao se publicar a experiência em REA, dá-se a oportunidade de outros professores poderem, além de aprender a usar a ferramenta, também ter o acesso e o reuso dos materiais de forma a iniciarem sua maior

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36000>

compreensão das possibilidades e potencialidades das tecnologias no fazer pedagógico.

## **5 ANÁLISE DOS RESULTADOS COM OS ALUNOS**

Para realizar a coleta de dados com os alunos, foi utilizado um vídeo do canal inédito, que eles ainda não haviam assistido. Optou-se pelo vídeo da letra S, porque era o conteúdo que as professoras, das duas turmas, estavam trabalhando em sala.

Foi combinado com antecedência, o dia que as professoras regentes passariam o vídeo, para que a pesquisadora pudesse gravar. Antes da gravação, cada responsável pelas crianças, assinaram o termo de livre esclarecimento, autorizando a gravação das crianças, para fins de pesquisa.

O vídeo foi passado em duas salas de 1º ano, atendendo num total de 42 crianças. As salas foram arrumadas para que as crianças pudessem assistir ao vídeo mais facilmente, tirando as carteiras e deixando apenas as cadeiras, direcionadas para a televisão.

Nas gravações, pode-se observar que todas as crianças ficaram com os olhos atentos para a tela da TV. Algumas crianças demonstraram gestos de receio, quando apareceu a imagem de uma servente, abraçando o colega ao lado e dizendo: “- Eu tenho medo”. E outro respondeu: “- É de mentira”.

Quando a apresentadora perguntou que sons formavam a letra S com as vogais, as crianças de uma das salas, responderam falando coisas que iniciavam com as vogais, como: Sa de Samara! Se de serpente, si – de sino, so – de sopa, su – de Sueli, suco! Na outra turma, as crianças também interagiram, mas só responderam com as sílabas: sa, se, si, so, su.

No momento do vídeo que a pesquisadora explicava o som do s entre as vogais, em uma das turmas, as crianças dispersaram a atenção, conversando com os colegas ao lado, mas logo voltaram a assistir, quando a pesquisadora começou a mostrar as coisas que começavam com s. Na outra turma, apenas duas crianças olharam para trás nessa parte. Isso mostrou, que os vídeos com explicações não são atraentes para eles.

Quando a pesquisadora perguntou a quantidade de sapinhos que apareciam, as crianças prontamente responderam: - Três! A todo momento as crianças

interagiam com o vídeo, falando o nome de tudo o que aparecia e respondendo às perguntas feitas no vídeo.

Na parte do vídeo que apareceu a sopa, uma criança falou: “- comida!” Logo a colega ao lado a corrigiu: “- é sopa!”

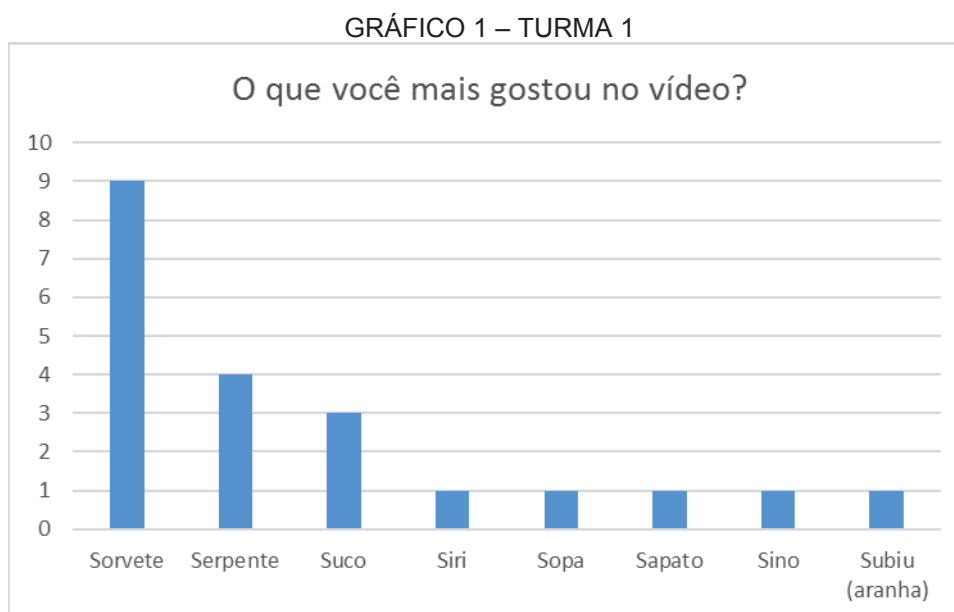
No momento que mostrou o sorvete, uma menina exclamou: “- Que bonitinho, é um sorvete kids!”, e colocou as duas mãos em suas bochechas, no sinal de apertá-las, como fazem os adultos.

Quando apareceu a cena do suco, uma criança falou: “- dá um pouco?”. Na outra turma, um menino falou: “- mexe, mexe!”. E fez sinal de mexer o suco com as mãos, assim como apareceu no vídeo.

Na imagem do super-homem, muitas crianças responderam como super-man. Também cantaram com a pesquisadora a música da dona aranha, na parte que mostrava a palavra subiu.

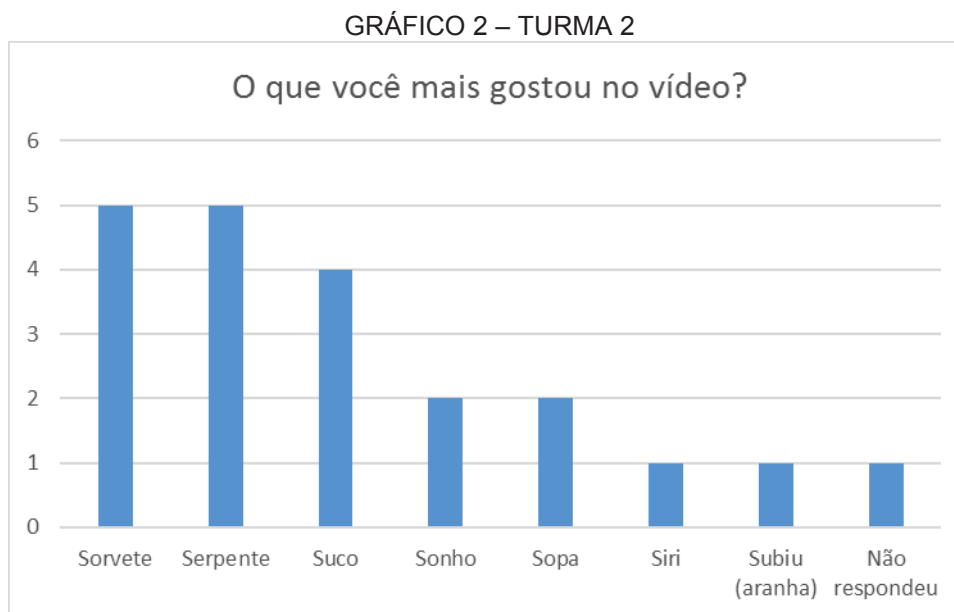
Na observação, notou-se o quanto as crianças gostaram e interagiram com o vídeo, com os olhinhos voltados para a tela da TV. Isso confirma que os vídeos podem ser uma ótima ferramenta de aprendizagem.

Quanto à entrevista, perguntou-se para as crianças o que elas mais gostaram nos vídeos, as respostas podem ser observadas nos gráficos abaixo.



FONTE: A pesquisadora (2017).

Na primeira turma, nota-se que teve mais alunos que gostaram do sorvete, seguidos pela serpente e pelo suco.



FONTE: A pesquisadora (2017).

Já na turma 2, teve um empate entre o sorvete e a serpente, o suco ficou em terceira colocação entre as coisas que os alunos mais gostaram.

Foi perguntado para a turma o que eles não gostaram do vídeo e as respostas foram:

“ – Da parte da cobra, pois eu não gosto de cobra”. (ALUNO 1).

“ – Eu não gostei da parte do suco, é que eu não gosto de suco”. (ALUNO 2).

Nas respostas pode-se observar que as crianças associam seus gostos pessoais com as coisas que gostam no vídeo. Quando a pesquisadora questionou o aluno 2 dizendo: - Há! Você não gosta de tomar suco, mas não foi legal ver o menino fazendo suco? No mesmo momento, o aluno respondeu que sim, foi legal. E automaticamente outra criança respondeu: “é seu filho!”. Pois na cena do suco, aparecia o filho da pesquisadora fazendo o suco. Nesse diálogo percebe-se que as crianças não souberam julgar coisas do vídeo que não gostaram.

Toda a entrevista foi feita em forma de diálogo entre a pesquisadora e as crianças, de modo a deixá-las a vontade para responderem. Foi perguntado se eles gostaram do vídeo e a resposta unânime foi: “sim”. Também foi questionado se as aulas ficam mais legais com os vídeos e também todas as crianças responderam sim.

Outra questão foi: vocês acham que a gente aprende alguma coisa assistindo aos vídeos? As respostas foram:

“ – Sim, a gente aprendeu as letras”. (ALUNO 3).

“ – Sim, a gente aprendeu as vogais”. (ALUNO 4).

“ – Sim, a gente aprendeu como se chama as letras, como que começa”. (ALUNO 5).

“ – Sim, as letras A, E, I, O, U”. (ALUNO 6).

“ – Sim, as vogais”. (ALUNO 7).

Nas respostas, percebe-se que o vídeo das vogais, passado pelas professoras regentes, no início do ano letivo de 2017, marcou os alunos, pois em quase todas as respostas, os alunos destacaram a aprendizagem das vogais. Embora o vídeo da letra S, trazido nesta pesquisa, fosse trabalhado no final do ano de 2017, as crianças guardaram na memória os primeiros vídeos produzidos e assistidos no início do mesmo ano.

Corroborando a fala das crianças, as professoras regentes fizeram as seguintes colocações sobre a reação dos alunos perante os vídeos:

Ficaram alegres; demonstrando bom humor e satisfação, relacionaram letras a personagens que gostava. (**PROFESSORA 1**).

Ao assistir os vídeos as crianças apresentam interesse pelo conteúdo, respondem as perguntas realizadas pelos apresentadores dos vídeos, quando aparece músicas com gesto imitam os gestos e a música que é cantada também, com personagens e crianças (dizem ser eles, o faz de conta), e ainda o tchau para pessoas, animais e personagens. (**PROFESSORA 2**).

Quanto as contribuições dos vídeos para o processo de ensino-aprendizagem, as professoras responderam que:

Sim, contribui principalmente por perceberem que uma letra pode “produzir” diferentes sons. (**PROFESSORA 1**).

Os vídeos contribuíram sim no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, o reforço das letras do alfabeto como também apresentação de novas figuras, objetos, nomes, pessoas para ampliar o vocabulário de nossos pequenos. (**PROFESSORA 2**).

Nota-se que os vídeos podem ser utilizados em sala de aula, como um recurso atrativo para os alunos, e que os mesmos contribuem no processo de ensino- aprendizagem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações realizadas com as crianças e as entrevistas feitas, nota-se a potencialidade do trabalho com vídeos em sala de aula e sua importância como complemento no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

De acordo com o relato das crianças, elas gostaram de assistir os vídeos e afirmam que aprenderam as letras e as vogais ao assistir.

Também, na observação, percebeu-se o quanto os vídeos são atrativos para os pequenos. Durante a execução do vídeo, as crianças ficaram com os olhos direcionados para a tela da TV, sem se dispersarem. A todo momento interagiram com os vídeos, respondendo às perguntas feita pela apresentadora.

As cenas do sorvete, da serpente e do suco, foram o que mais as crianças gostaram. Mas, todo o vídeo foi assistido com muito interesse e atenção. A única parte que teve um pouco de dispersão, foi a parte que a apresentadora estava explicando o som que o s faz entre as vogais.

Através dessa pesquisa, percebe-se que as crianças gostam de assistir cenas de seu cotidiano, que mostre coisas familiares ou novidades. Também as cenas que apareceram crianças, foram bem estimulantes para elas.

As professoras regentes também ressaltaram a contribuições dos vídeos para o processo de ensino-aprendizagem e relatando como os vídeos são atrativos para os alunos.

As mídias já fazem parte da vida cotidiana da maioria das crianças brasileiras, e explorar seu potencial em sala de aula, é um desafio que pode trazer muitos resultados para a aprendizagem.

Enquanto pesquisadora, esse trabalho foi um desafio, pois nunca havia gravado um vídeo antes. Essa experiência mostrou, que o professor pode habitar as redes com autorias e utilizar os meios sociais para estimular a aprendizagem.

Os vídeos no *Youtube* são importantes, pois podem ser acessados não apenas na escola, mas em qualquer lugar, podendo ser um recurso pedagógico para o professor, um passa tempo ou entretenimento para as crianças nas suas casas, ou um reforço pedagógico utilizado pelos pais.

Assim, utilizar vídeos em sala de aula, contribui para o interesse e atenção das crianças e ajuda no processo de ensino-aprendizagem. A escola e os

professores devem continuar a utilizar as tecnologias disponíveis, para aproximar a escola da sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel (Org.). **Interação das tecnologias na educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2005. Acesso em: 09 fev. 2017.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portal do MEC**. Alunos melhoram em matemática e língua portuguesa desde 2003. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/component/tags/tag/31992>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

CAMAS, Nuria Pons Vilardell. A literacia da informação na formação de professores. In: TONUS, Mirna; CAMAS, Núria Pons Vilardell (Org.). **Tecendo fios na educação**: da informação nas redes à construção do conhecimento mediada pelo professor. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 47-68.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FAXINA, Elson (Org.). **Importância sociocultural e aspectos políticos da televisão**: disciplina do módulo I. Curitiba: UFPR, 2017.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **ANA: resultados finais 2014**. Brasília: MEC/INEP, 2017. Disponível em: [www.ana.inep.gov.br/ANA/](http://www.ana.inep.gov.br/ANA/). Acesso em: 02 ago. 2017.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

PAPERT, Seymour; FREIRE, Paulo. **O futuro da escola**. Diálogo gravado e documentado entre Paulo Freire e Seymour Papert. São Paulo: TV PUC-SP, 1995.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodología de la investigación**. 4. ed. México: McGraw – Hill, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

\_\_\_\_\_. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**, v.9, n.52, p.15-21, jul./ago., 2003.

SANTOS, Edmea. **TV ESCOLA**. Salto para o Futuro. Tema: Tecnologia na Educação, 2016. Programa de televisão. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/salto-para-o-futuro-tecnologias-na-educacao>.

**UNESCO/COL**. Guidelines for open educational resources (OER) in higher education. Vancouver: COL, 2011. Disponível em:



<[http://www.col.org/PublicationDocuments/Guidelines\\_OER\\_HE.pdf](http://www.col.org/PublicationDocuments/Guidelines_OER_HE.pdf)>. Acesso em: 07 out. 2012.

VALENTE, José Armando. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador: o papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel (Org.). **Interação das tecnologias na educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2005.